

## O léxico brasileiro em dois espaços e em dois momentos

Brazilian lexicon in two spaces and two moments

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.26865>

### *Suzana Alice Marcelino Cardoso (in memoriam)*

Professora Emérita da Universidade Federal da Bahia. Graduada em Letras Neolatinas pela Universidade Federal da Bahia (1960), mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1979) e doutora em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002).

### *Marcela Moura Torres Paim*

Professora de língua portuguesa da Universidade Federal da Bahia. Fez graduação em Letras com Espanhol na Universidade Federal de Pernambuco, mestrado e doutorado na Universidade Federal da Bahia e estágio de pós-doutorado na Universidade Estadual de Feira de Santana.

E-mail: [mmtpaim@ufba.br](mailto:mmtpaim@ufba.br)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1303-3763>

*Ana Regina Torres Ferreira Teles*

Arquiteta e Engenheira Agrimensora, ingressou no Departamento de Engenharia de Transportes e Geodésia da Escola Politécnica da UFBA em 1982 através de concurso público até 2019, quando aposentou-se. Especialista em Geoprocessamento, Mestre em Geografia e Doutora em Língua e Cultura, cartografia digital e geoprocessamento e sistema de informações geográficas. Após a aposentadoria deu prosseguimento às atividades principais de pesquisa, sendo responsável técnico pela preservação e documentação do acervo dos instrumentos históricos do LGTS - Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio e pela elaboração das cartas bases e composição temática de todas as cartas linguísticas do ALiB - Atlas Linguístico do Brasil. Integrante da Comissão de Informatização e Cartografia do Projeto é ainda membro pesquisador integrante da Equipe Bahia.

E-mail: [anaregi@ufba.br](mailto:anaregi@ufba.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1394-5954>

## RESUMO

O artigo examina o léxico do português brasileiro numa dupla perspectiva, a diatópica e a diacrônica. Fundamentado na realidade de dois estados brasileiros e com base em dados do *Atlas Prévio do Falares Baianos* (ROSSI, 1963), do *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994) e do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o trabalho descreve a realidade areal dos dois estados, aponta, descrevendo-as, as coincidências e divergências e assinala a possível variação no tempo.

**Palavras-chave:** Português brasileiro. Atlas regionais. Léxico. Diatopia. Diacronia.

## ABSTRACT

This paper examines the lexicon of Brazilian Portuguese in diatopic and diachronic perspectives based on data from two Brazilian states – Bahia and Paraná – extracted from the *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963), the *Atlas Lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994) and the *corpus* of the *Linguistic Atlas of Brazil* Project. It aims to analyze areal aspects of these areas, finding, as much as possible, geolinguistic coincidences and divergences, pointing out possible variations through time.

**Keywords:** Brazilian Portuguese. Linguistic Atlas. Lexicon. Diatopic variation. Chronological variation.

A proposta deste artigo é apresentar aspectos da realidade lexical do português brasileiro em duas sincronias e em duas áreas geograficamente distanciadas, com vistas a apontar características que marcam as diferenças e coincidências no tempo e no espaço e assinalam possíveis mudanças no período considerado. Para esse confronto, consideram-se dois espaços brasileiros — os estados da Bahia e do Paraná — e duas sincronias que se fixam na segunda metade do século XX, com os registros do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* –APFB (1963) e do *Atlas Lingüístico do Paraná* – ALPR (1994), para a primeira delas denominada para esse efeito sincronia 1, e nos começos do século XXI, com os dados do *corpus* do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB), para a segunda, identificada sincronia 2.

## 1. A base de dados considerada

Para o confronto pretendido, foram considerados itens comuns aos três *corpora*, selecionados de diferentes campos semânticos, a saber: *arco-íris* (fenômenos atmosféricos), *animal sem rabo* (fauna) e *rótula* (corpo humano). As fontes compreendem dois atlas lingüísticos regionais e o *corpus* do Projeto ALiB, sumariamente descritos a seguir.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de autoria de Nelson Rossi e publicado em 1963, constitui-se no primeiro atlas lingüístico brasileiro. Documenta a realidade do estado da Bahia a partir do registro de dados de 50 localidades, dentre as quais não se inclui a capital, Salvador, que se distribuem por todas as microrregiões homogêneas. Os dados reúnem a documentação de 100 informantes, analfabetos ou semialfabetizados, pertencentes aos dois sexos, coletados a partir da aplicação de um Extrato de questionário lingüístico com 182 perguntas (apesar de a numeração finalizar em 164, pois algumas das perguntas são subdivididas e indexadas em A, B, C e D). Os resultados são fornecidos em 209 cartas lingüísticas, a maioria delas em transcrição fonética, e se apresentam em preto e branco, coloridas e algumas com ilustrações dos fatos documentados. Fazem-se acompanhar de notas referentes a explicações do informante ou comentários do inquiridor ou do pesquisador no momento da exegese dos dados e elaboração cartográfica. Esse atlas encontra-se esgotado, mas o Setor de Dialectologia da Universidade Federal da Bahia vem empreendendo esforços no sentido de produzir uma edição em DVD.

O segundo atlas regional considerado, o *Atlas Lingüístico do Paraná*, é, na sua origem, a tese de doutorado de Vanderci de Andrade Aguilera e data de 1994. Contém a documentação de 65 localidades, em cada uma das quais foram inquiridos dois informantes, um homem e uma mulher, o que permitiu o controle diasssexual que se exhibe nas cartas. Constitui-se de 191 cartas lingüísticas que compreendem cartas lexicais (1 a 92), cartas fonéticas (93 a 162) e cartas com traçado de isoglossas

(163 a 191). Todas as cartas trazem notas explicativas com a transcrição do discurso do informante e/ou de comentários do inquiridor.

Os dados da sincronia atual são extraídos do *corpus* do Projeto ALiB, cujos primeiros volumes foram publicados em 2014, estando o volume 3 em fase de editoração e os volumes 4 e 5, em preparação, todos eles referentes às capitais de estado. Como é do conhecimento da comunidade acadêmica, o *Atlas Linguístico do Brasil* apresenta dados do território brasileiro documentados a partir da realização, *in loco*, de inquéritos linguísticos, em 250 localidades, que se distribuem do Oiapoque ao Chuí, ou seja, do extremo Norte ao extremo Sul, recobrando todas as regiões geográficas. Os dados compreendem cerca de 3.500 horas de gravação e resultam da aplicação dos *Questionários Linguísticos* (COMITÊ NACIONAL, 2001) direcionados à fonética-fonologia com destaque para aspectos prosódicos, ao léxico, à morfossintaxe, trazendo temas para discursos semidirigidos e questões de pragmática e metalinguística a que se acrescenta a leitura de um texto.

Para as considerações que se apresentam neste artigo, são examinadas todas as respostas documentadas nos estados da Bahia e do Paraná — 22 localidades da Bahia e 17 localidades do Paraná, que integram a rede de pontos ALiB —, num total de 164 informantes distribuídos 8 em cada capital — Salvador e Curitiba — e 4 em cada um dos demais pontos, a partir do que registram os áudios.<sup>1</sup>

Na composição do *corpus*, consideram-se todas as variantes registradas em cada uma das sincronias e armazenadas nas três fontes, dando destaque ao que há de comum entre as mesmas localidades registradas nos dois momentos, para cada estado.

## 2. O que revelam os dados

O estudo de cunho semântico-lexical que se desenvolve tem por objetivo o confronto entre duas sincronias do português brasileiro, com o objetivo de examinar o comportamento do léxico numa dupla perspectiva, a diatópica e a diacrônica. Para tanto, parte-se da apresentação geral de todas as variantes documentadas para cada um dos itens selecionados — *arco-íris*, *animal sem rabo*, *rótula* —, a que se seguem (i) o confronto entre os resultados dos dois estados na, aqui denominada, sincronia 1, para assinalar coincidências e não coincidências, (ii) a apresentação do que se encontra registrado no *corpus* do ALiB, nomeada sincronia 2, e (iii) a comparação entre o que vem documentado nas duas sincronias e nas mesmas localidades. Conclui-se a análise com o comentário às variantes selecionadas.

---

<sup>1</sup> O volume de dados publicado traz os resultados das capitais de estado. Para este trabalho, recorreu-se diretamente ao *corpus* documentado, ainda não publicado, mas em fase de análise com vistas à produção dos volumes em andamento.

## 2.1 Arco-íris

A pergunta formulada para obter as denominações ocorrentes para o arco luminoso produzido quando a luz solar é refratada (HOUAISS; VILLAR, 2001), contou com uma resposta geral, presente nos dois estados e nas duas sincronias — *arco-íris* —, exatamente a forma tida como do padrão da língua. Ao lado desta, documenta-se um conjunto de variantes que se mostram ora coincidentes entre os dois estados — Bahia e Paraná —, ora próprias apenas da Bahia. O Quadro 1 apresenta esse conjunto de denominações, evidenciando a identidade de uso que se verifica entre as duas áreas nas duas sincronias.

Quadro 1 – Arco-íris na Bahia e no Paraná: confronto sincronias/áreas.

<b>Arco-íris: sincronia 1 versus sincronia 2</b>			
<b>Bahia</b>		<b>Paraná</b>	
Sincronia 1	Sincronia 2		Sincronia 1
<b>APFB</b>	<b>ALiB</b>		<b>ALPR</b>
<i>arco</i>	<i>arco</i>		
<i>arco-celeste</i>			
<i>arco-da-aliança</i>		<i>arco-da-aliança</i>	<i>arco-da-aliança</i>
<i>arco-da-velha/-de(o)-velho</i>	<i>arco-da-velha/-de(o)-velho</i>	<i>arco-da-velha/-de(o)-velho</i>	<i>arco-da-velha</i>
<i>arco de boi</i>			
<i>arco-de-sete-cores/sete-cores</i>	<i>arco-de-sete-cores</i>		
<i>arco-íris</i>	<i>arco-íris</i>	<i>arco-íris</i>	<i>arco-íris</i>
<i>barra de nuvem</i>			
<i>olho-de-boi</i>	<i>olho-de-boi</i>		
	<i>arqueiro</i>		

Fonte: Elaboração própria.

As ocorrências reunidas mostram o exuberante rol de variantes que a Bahia exhibe, num total de dez, das quais apenas três são coincidentes com o que se registra na área paranaense. Como se observa, as denominações comuns têm todas como elemento principal a forma *arco* a que se junta, complementarmente, um segundo elemento — *da-aliança*, *da-velha/-de(o)-velho* e *íris* —, que vão indicar a natureza da motivação. As demais variantes, registradas com exclusividade na Bahia, ou têm como núcleo *arco* — *arco*, *arco-celeste*, *arco de boi*, *arco-de-sete-cores* —, ou têm motivação transparente — *sete-cores* —, ou se apresentam sob uma relação metafórica mais ou menos explícita — *arqueiro*, *barra de nuvem*. Os dados mostram, de forma explícita, uma maior produtividade da Bahia, em relação ao Paraná, na seleção de formas a identificar o arco-íris.

O exame do Quadro 1 permite verificar que todas as variantes registradas na sincronia 2 foram documentadas na sincronia 1, seja em um (*arco*, *arco-de-sete-cores* e *olho-de-boi*, Bahia) ou em ambos os estados (*arco-da-aliança*, *arco-da-velha*, *arco-de(o)-velho*, *arco-íris*). Considerando-se que a rede de pontos, no que se refere aos atlas regionais de cada estado e ao ALiB, não coincide integralmente, tomam-se os pontos específicos da rede comuns às duas sincronias, ou seja, atlas regionais/ALiB, para um confronto, a fim de verificar aspectos de conservação ou de inovação localizados em cada ponto. Dessa comparação dão conta os Mapas 1 e 2 que assinalam, para cada localidade, as ocorrências nas duas sincronias, conforme indicadas nos Quadros 2 e 3.

A Bahia, nas localidades coincidentes APFB/ALiB (Cf. Quadro 2), mantém duas das nove denominações registradas — *arco-íris*, *arco-da-velha/-de(o)-velho* —, ainda que não as registre sistematicamente em todos os pontos. As demais ou se documentam na sincronia 1 — *sete-cores*, *arco-celeste*, *barra-de-nuvem*, *arco-da-aliança* —, ou aparecem apenas na sincronia 2 — *arco-de-sete-cores*, *arqueiro*, *arco*.

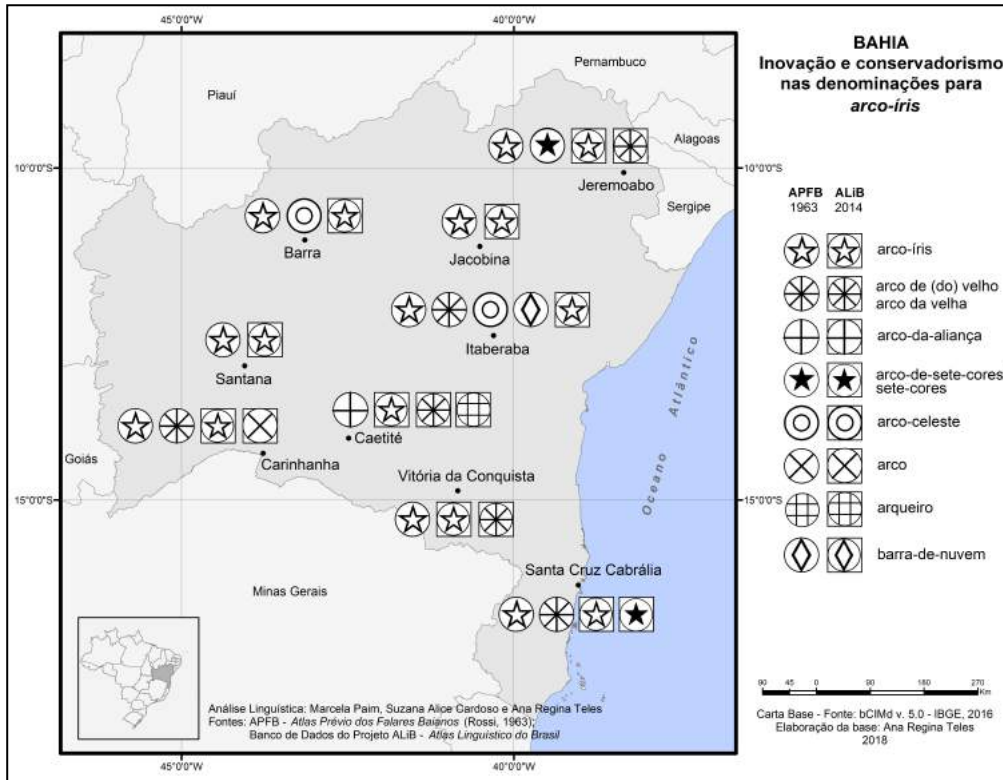
Quadro 2 - Arco-íris na Bahia: registro nos pontos comuns APFB/ALiB.

Arco-íris na Bahia: pontos comuns APFB / ALiB		
Formas registradas	Localidades	Formas registradas
APFB		ALiB
<i>arco-íris, arco-de-velha</i>	Santa Cruz Cabralia	<i>arco-íris, arco-de-sete-cores</i>
<i>arco-íris, sete-cores</i>	Jeremoabo	<i>arco-íris, arco-do-velho, arco-da-velha</i>
<i>arco-íris</i>	Vitória da Conquista	<i>arco-íris, arco-da-velha</i>
<i>arco-íris</i>	Jacobina	<i>arco-íris</i>
<i>arco-íris, arco-de-velho, arco-celeste, barra-de-nuvem</i>	Itaberaba	<i>arco-íris</i>
<i>arco-da-aliança</i>	Caetité	<i>arco-íris, arqueiro, arco-da-velha</i>
<i>arco-íris, arco-celeste</i>	Barra	<i>arco-íris</i>
<i>arco-íris</i>	Santana	<i>arco-íris</i>
<i>arco-íris, arco-da-velha</i>	Carinhanha	<i>arco, arco-íris</i>

Fonte: Elaboração própria.

Como se observa, *arco-íris* está nas duas sincronias em praticamente todos os pontos, à exceção de Caetité onde não se registrou no primeiro momento, como mostra o Mapa 1.

Mapa 1 – Inovação e conservadorismo nas denominações para arco-íris na Bahia.



Fonte: Elaboração própria.

Diferentemente do que se passa na Bahia, *arco-íris* se faz presente no Paraná, nas duas sincronias e em todos os pontos, e *arco-da-velha* comparece em ambas as sincronias, em três pontos, como mostram o Quadro 3 e o Mapa 2.

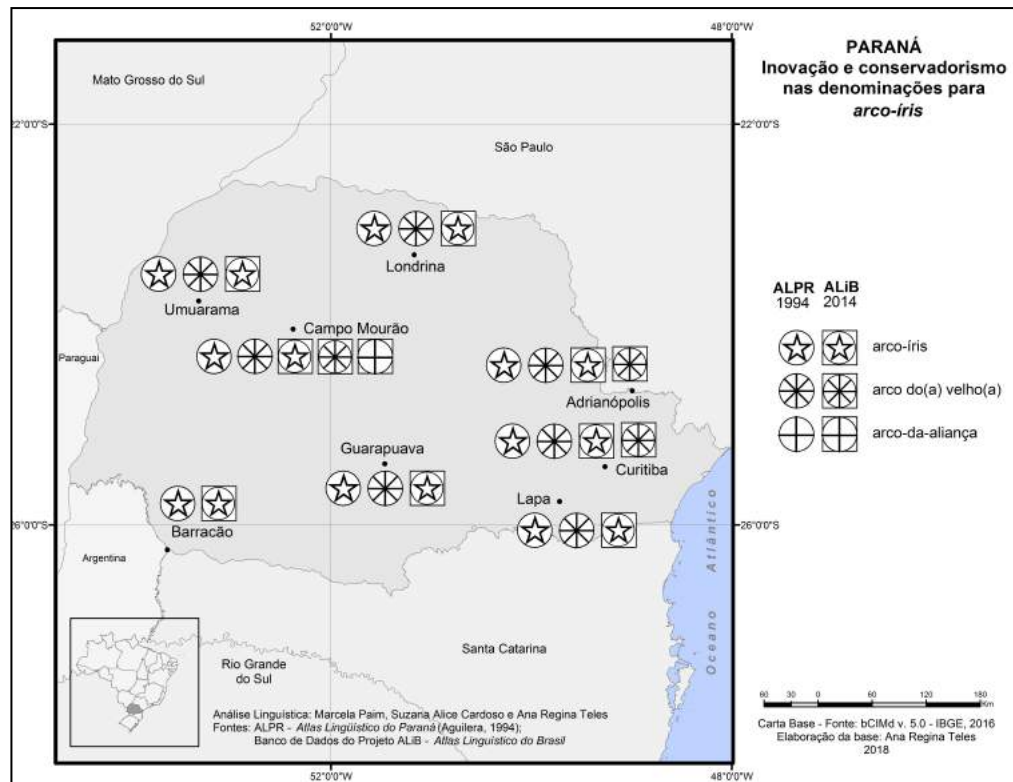
Quadro 3 – Arco-íris no Paraná: registro nos pontos comuns ALPR/ALiB.

Arco-íris no Paraná: pontos comuns ALPR / ALiB		
Formas registradas	Localidades	Formas registradas
ALPR		ALiB
<i>arco-íris, arco-da-velha</i>	Londrina	<i>arco-íris</i>
<i>arco-íris, arco-da-velha</i>	Umuarama	<i>arco-íris</i>
<i>arco-íris, arco-da-velha</i>	Campo Mourão	<i>arco-íris, arco-da-velha, arco-da-aliança</i>
<i>arco-íris, arco-da-velha</i>	Adrianópolis	<i>arco-íris, arco-da-velha/-do-velho</i>
<i>arco-íris, arco-da-velha</i>	Guarapuava	<i>arco-íris</i>
<i>arco-íris, arco-da-velha</i>	Curitiba	<i>arco-íris, arco-da-velha</i>
<i>arco-íris, arco-da-velha</i>	Lapa	<i>arco-íris</i>
<i>arco-íris</i>	Barracão	<i>arco-íris</i>

Fonte: Elaboração própria.



Mapa 2 – Inovação e conservadorismo nas denominações para arco-íris no Paraná.



Fonte: Elaboração própria.

O confronto da realidade nos pontos da rede coincidentes, nos quais foi feita a documentação nas duas sincronias, permite as seguintes observações no que se refere à Bahia:

- (i) a forma *arco-íris* foi documentada de maneira generalizada na sincronia 2 e deixa de ocorrer, na sincronia 1, apenas em Caetité;
- (ii) as formas *arco da velha* e *arco do velho* não mais comparecem na sincronia 2 nos mesmos pontos onde se deu o registro na sincronia 1, mas surgem, como inovação, na sincronia 2, nas cidades de Jeremoabo, Vitória da Conquista e Caetité e nesta última cidade figura, também, como inovação, a forma *arquivo*;
- (iii) como inovação, aparecem ainda, na sincronia 2, *arco-de-sete-cores* (Santa Cruz Cabralia) e *arco* (Carinhanha).

No que diz respeito ao Paraná, o confronto da realidade nos pontos da rede coincidentes, nos quais foi feita a documentação nas duas sincronias, mostra que:

- (i) a forma *arco-íris* foi documentada de maneira generalizada nas duas sincronias;
- (ii) *arco da velha* deixa de ser registrado, na sincronia 2, em Londrina, Umuarama, Guarapuava e Lapa e mantém-se em Campo Mourão, Adrianópolis e Curitiba;
- (iii) Campo Mourão traz uma variante que não havia sido documentada na sincronia 1, *arco-da-aliança*.

Considerando as duas áreas, chama a atenção o fato de que os casos de inovação registrados não se constituem em formas fora do uso dessas áreas consideradas, mas retomam variantes documentadas em outras das cidades da rede. Tal fato pode sugerir a expansão de usos que leva formas a áreas onde, anteriormente, eram desconhecidas.

## 2.2 Rótula

O “pequeno osso móvel curto e discoide, sito no joelho na parte dianteira da articulação do fêmur com a tíbia” (AULETE, 1958) recebe, nessas duas áreas consideradas, diferentes denominações, como exhibe o Quadro 4.

Quadro 4 - Rótula na Bahia e no Paraná: confronto áreas/sincronias.

<b>Rótula: sincronia 1 versus sincronia 2</b>			
<b>Bahia</b>		<b>Paraná</b>	
Sincronia 1	Sincronia 2		Sincronia 1
<b>APFB</b>	<b>ALiB</b>		<b>ALPR</b>
<i>bolacha</i>	<i>bolacha</i>	<i>bolacha</i>	<i>bolacha</i>
<i>bolinha</i>			
<i>cabeça</i>			
<i>carapuça</i>			
<i>cotovelo</i>			
<i>pataca, pataquinha</i>		<i>pataca, patacão</i>	<i>pataca, patacão</i>
<i>patinha, patinho</i>			
<i>prato</i>			
<i>rodela</i>			

<i>roleta</i>			
<i>rótula</i>	<i>rótula</i>	<i>rótula</i>	<i>rótula</i>
		<i>patela</i>	
			<i>batata</i>
			<i>tramela</i>

Fonte: Elaboração própria.

Como apresentado no Quadro 4, duas variantes — *bolacha* e *rótula* — são comuns às duas áreas, Bahia e Paraná, e presentes nas duas sincronias. A Bahia, mais uma vez, se mostra mais produtiva, pois, além dos nomes coincidentes, tem nos seus registros mais oito denominações. O Paraná traz como próprias e exclusivas, nesse confronto, apenas mais quatro variantes — *batata*, *patação*, *patela* e *tramela* — para esse mesmo conceito.

Assim, comparando-se os resultados da Bahia e do Paraná (Quadro 4), nas duas sincronias, verifica-se que o total de variantes registradas chega a 14, com, apenas, duas delas — *bolacha* e *rótula* — presentes nos dois momentos e nos dois estados.

Os Quadros 5 e 6 apresentam outro aspecto dessa distribuição — a realidade geolinguística nas duas sincronias exatamente nos mesmos pontos da rede — e mostram que as coincidências de uso são restritas, tanto no confronto entre as áreas como entre as diferentes sincronias.

Quadro 5 - Rótula na Bahia: registro nos pontos comuns APFB/ALiB.

<i>Rótula</i> na Bahia: pontos comuns APFB / ALiB		
Formas registradas	Localidades	Formas registradas
<b>APFB</b>		<b>ALiB</b>
<i>bolacha</i>	Santa Cruz Cabrália	<i>bolacha do Joelho, rótula</i>
<i>bolacha, rodela</i>	Jeremoabo	<i>bolacha do Joelho, Joelho, rótula do Joelho, rótula</i>
<i>bolacha</i>	Vitória da Conquista	<i>bolacha, rótula, bolacha do Joelho</i>
<i>bolacha, rótula</i>	Jacobina	<i>bolacha do Joelho, rótula do Joelho</i>
<i>bolacha, patinho</i>	Itaberaba	<i>batata do Joelho, bolacha, rótula</i>
<i>bolacha, pataca</i>	Caetité	<i>pataca do Joelho</i>
<i>cabeça, rodela</i>	Barra	<i>bola do Joelho, rótula do Joelho</i>
<i>pataquinha</i>	Santana	<i>rótula</i>
<i>bolacha</i>	Carinhanha	<i>bolacha do Joelho, bolacha</i>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 6 – Rótula no Paraná: registro nos pontos comuns ALPR/ALiB.

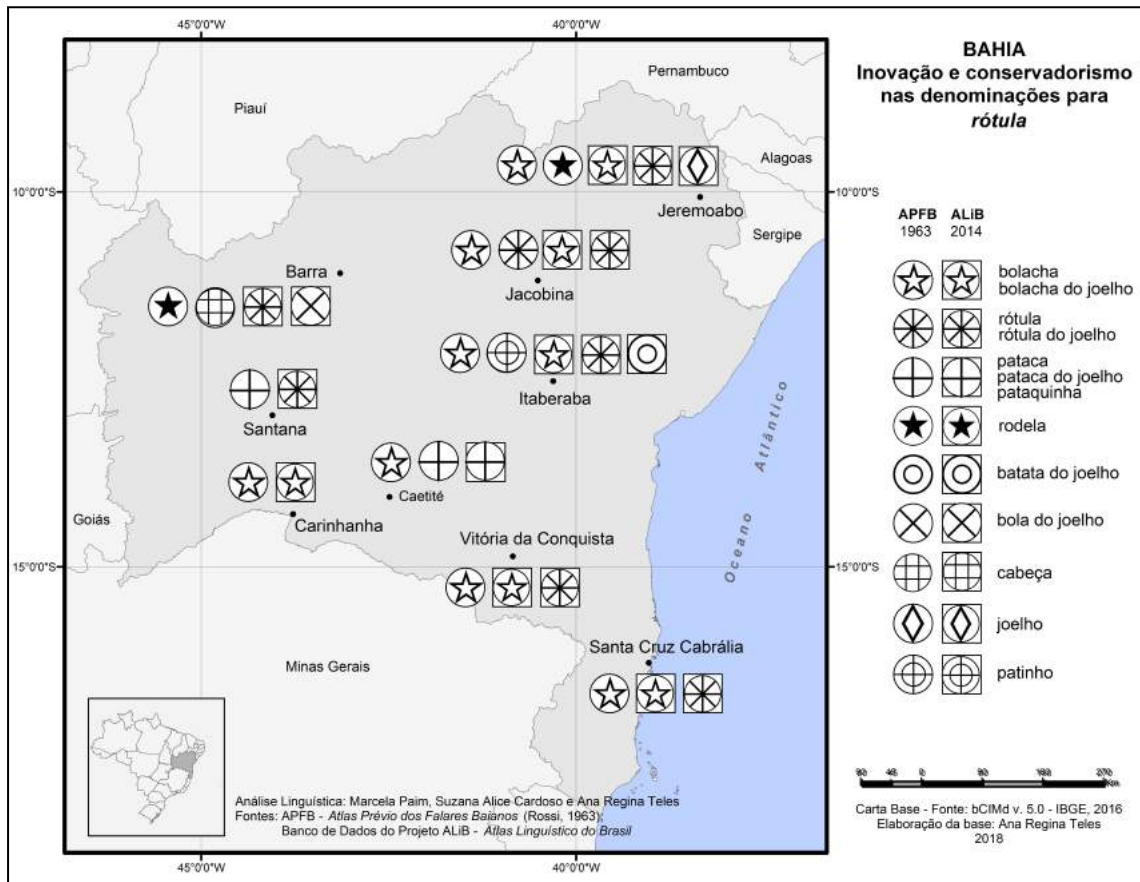
Rótula no Paraná: pontos comuns ALPR / ALiB		
Formas registradas	Localidades	Formas registradas
ALPR		ALiB
<i>pataca</i>	Londrina	<i>rótula, pataca</i>
<i>tramela, bolacha</i>	Umuarama	<i>rótula, pataca</i>
<i>pataca, bolacha</i>	Campo Mourão	<i>rondana, pataca, patacão</i>
<i>patacão</i>	Adrianópolis	<i>patacão</i>
<i>pataca, patacão</i>	Guarapuava	<i>patacão, rótula, bolacha</i>
<i>pataca, patacão</i>	Curitiba	<i>joelho, tampa do joelho, rótula, patacão, patela</i>
<i>patacão</i>	Lapa	<i>joelho, patacão</i>
<i>batata</i>	Barracão	<i>bolinha do joelho, joelho, rótula do joelho, tampa do joelho</i>

Fonte: Elaboração própria.

Tomados os mesmos pontos da rede nos dois momentos e nas duas áreas, verifica-se que, na Bahia, como vem retratado no Mapa 3:

- (i) *bolacha* figura como presença majoritária nas duas sincronias, registrando-se, simultaneamente, em seis das nove localidades, numa mostra de manutenção da forma;
- (ii) *rodela*, que ocorreu em duas localidades, não comparece nos dados do ALiB;
- (iii) *rótula*, a forma padrão que aparece apenas uma vez na sincronia 1, na sincronia 2 se faz presente em sete das nove localidades;
- (iv) *pataca*, com duas ocorrências no primeiro momento, mantém-se apenas em uma dessas localidades, na sincronia 2;
- (v) *patinho*, *cabeça* e *rodela* figuram apenas na sincronia 1.

Mapa 3 – Inovação e conservadorismo nas denominações para rótula na Bahia.



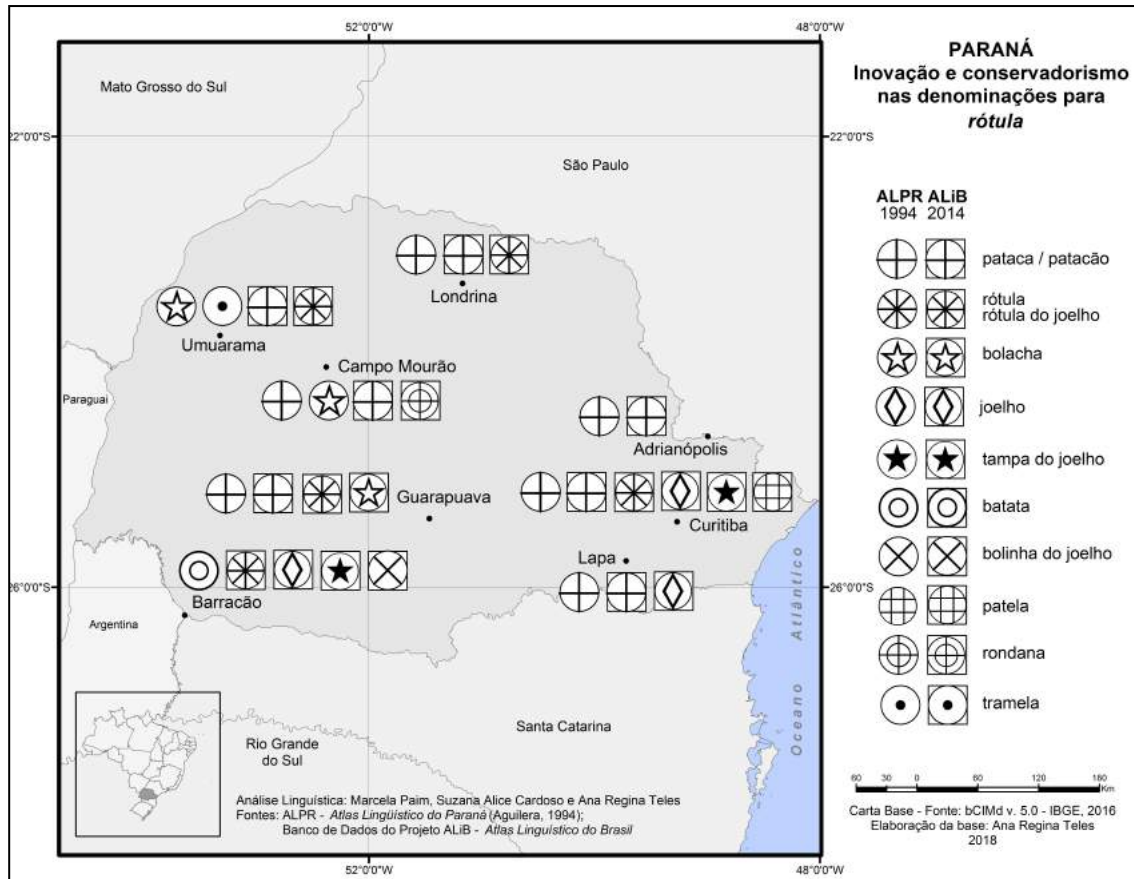
Fonte: Elaboração própria.

Quanto ao Paraná, observa-se que:

- (i) *rótula*, que não figurou no acervo da sincronia 1, aparece, na sincronia 2, em cinco das oito localidades;
- (ii) *pataca/patacão*, na sincronia 2, além de se manter nas seis localidades onde se registrou na sincronia 1, comparece em mais um ponto — Umuarana;
- (iii) *tramela* e *batata*, restringem-se à sincronia 1;
- (iv) a sincronia 2 traz, como inovadoras, *rondana*, *Joelho*, *tampa do Joelho*, *patela* e *bolinha do Joelho*.

O Mapa 4 mostra essa distribuição no espaço e no tempo, permitindo observarem-se os casos de conservação e de inovação.

Mapa 4 – Inovação e conservadorismo nas denominações para rótula no Paraná.



Fonte: Elaboração própria.

Considerando as duas áreas, chama a atenção o fato de *rótula* aparecer de forma significativa na sincronia 2, o que sugere, por se tratar da forma considerada padrão, ser fruto da ação da escola e resultante, sem dúvida, da extensão do ensino fundamental no território brasileiro, nas últimas décadas.

### 2.3 Animal sem rabo

Como último item, para as considerações postas neste artigo, apresenta-se o resultado, nessas duas sincronias e áreas, para “animal sem rabo”, ou seja, para o animal que anatomicamente seja possuidor de rabo, mas que tenha nascido sem ele ou o tenha perdido por qualquer tipo de acidente. O Quadro 7 traz o panorama geral nas duas regiões.

Quadro 7 – Animal sem rabo na Bahia e no Paraná: confronto áreas/sincronias.

<i>Animal sem rabo: sincronia 1 versus sincronia 2</i>			
Bahia		Paraná	
Sincronia 1	Sincronia 2		Sincronia 1
APFB	ALiB		ALPR
<i>buguelo</i>			
<i>cotó</i>	<i>cotó</i>	<i>cotó</i>	
<i>nambu</i>	<i>nambu</i>		
<i>polaco</i>			
<i>poró</i>			
<i>suro (a)</i>	<i>suro (a)</i>	<i>suro (a)</i>	<i>suro (a)</i>
<i>suruco (a)</i>	<i>suruco (a)</i>		<i>suruco (a)</i>
<i>toco</i>	<i>toco</i>	<i>toco</i>	<i>toco</i>
			<i>rabicó</i>
		<i>pitoco(a)</i>	<i>pitoco(a)</i>

Fonte: Elaboração própria.

Como se vê documentado, do total de dez denominações para “sem rabo”, apenas quatro — *cotó*, *suro(a)*, *suruco(a)* e *toco* — são comuns aos dois estados, Bahia e Paraná. Das demais, quatro se localizam no Nordeste (Bahia) e duas outras ao Sul (Paraná).

Os dados do Quadro 7 exibem a realidade nessas duas sincronias e nos dois estados, evidenciando que:

- (i) *suro (a)* e *toco* constituem-se nas variantes presentes nos dois momentos e nas duas áreas;
- (ii) na Bahia, a sincronia 2 não apresenta inovação e documenta cinco das variantes registradas na sincronia 1;
- (iii) os dados do Paraná, mostram identidade do registro de *cotó*, na sincronia 2, com o que se passa, na Bahia, nos dois momentos;
- (iv) *pitoco(a)* que não se registra na Bahia, está documentado no Paraná para as duas sincronias.

Nas localidades comuns às duas sincronias, na Bahia, observa-se, como apontam os dados do Quadro 8, que:

- (i) duas das denominações mantêm-se, de maneira mais representativa, nos dois momentos: *suro(a)*, em seis de nove localidades, respectivamente, nas sincronias 1 e 2, e *suruco(a)*, em cinco pontos da sincronia 1 e em seis pontos da sincronia 2;
- (ii) *cotó* comparece na sincronia 2, em três pontos, como inovadora para aquelas localidades — Santa Cruz Cabrália, Jeremoabo e Itaberaba;
- (iii) verifica-se que na sincronia 2, dados do ALiB, há maior produtividade na denominação do animal sem rabo, pois ao lado dos dois casos de total coincidência entre os dois momentos, nas demais localidades o número de variantes superou sempre o registrado na sincronia 1;
- (iv) quanto a *suruva*, optou-se por considerar como base lexical independente, em face da insuficiência de elementos que pudessem dar sustentação à opção por uma relação com *suruca* ou *suruba*.

Quadro 8 – Animal sem rabo na Bahia: registro nos pontos comuns APFB/ALiB.

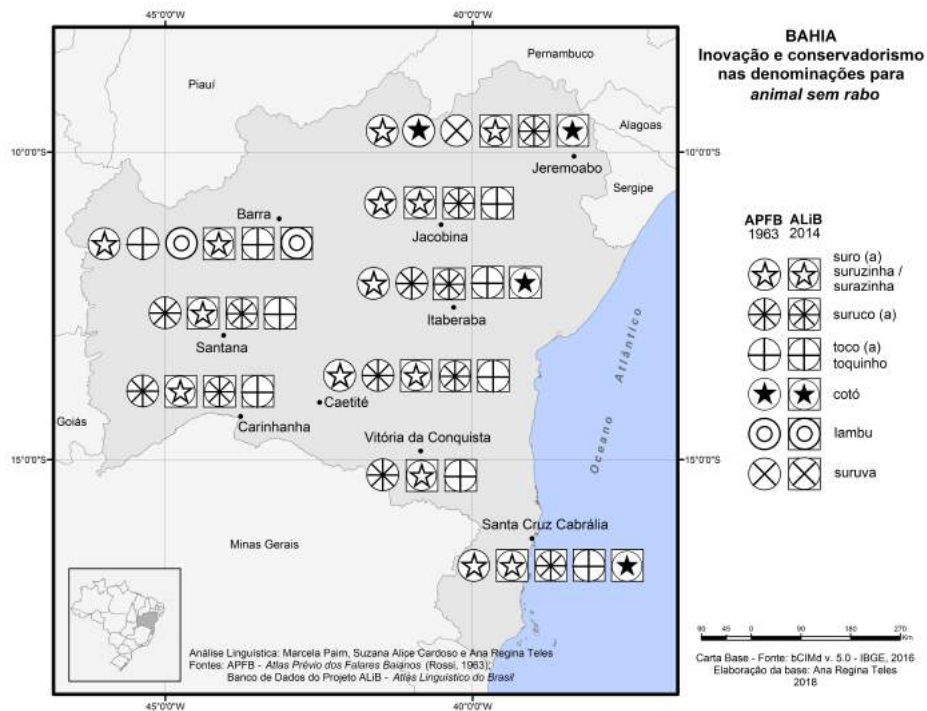
<i>Animal sem rabo</i> na Bahia: pontos comuns APFB / ALiB		
Formas registradas	Localidades	Formas registradas
APFB		ALiB
<i>suro (a)</i>	Santa Cruz Cabrália	<i>suruca, toco, sura, cotó</i>
<i>suro</i>	Jeremoabo	<i>suro, suruzinha, cotó, suruva, surazinha</i>
<i>suruca</i>	Vitória da Conquista	<i>suro (a), toco</i>
<i>suro (a)</i>	Jacobina	<i>sura, suruca, toco</i>
<i>suro, suruco</i>	Itaberaba	<i>cotó, suruca, suro</i>
<i>sura, suruca</i>	Caetité	<i>toco, sura, suruca</i>



<i>lambu, suro</i>	Barra	<i>suro, toco (a), lambu</i>
<i>suruco(a)</i>	Santana	<i>sura, toco, suruca</i>
<i>suruca</i>	Carinhanha	<i>sura, toco (a), toquinho, suruca</i>

Fonte: Elaboração própria.

Mapa 5 – Inovação e conservadorismo nas denominações para animal sem rabo na Bahia.



Fonte: Elaboração própria.

No Paraná, como consta do Quadro 9 e com a distribuição espacial que se apresenta no Mapa 6, verifica-se que:

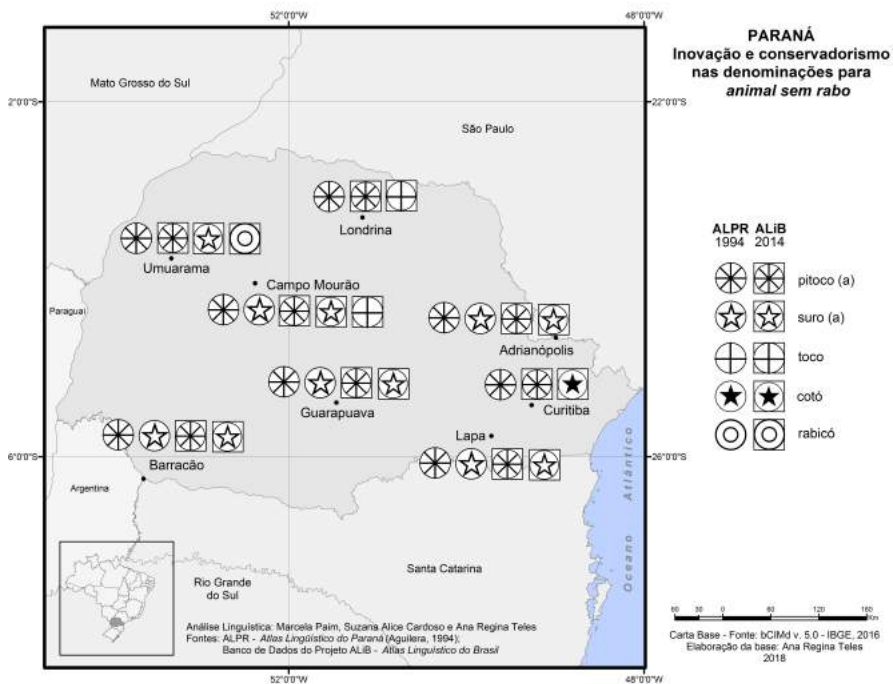
- (i) na sincronia 1, apenas duas variantes foram registradas — *sura(o)*, *pitoco*;
- (ii) na sincronia 2, além dos dois itens documentados no momento anterior, registram-se, para a área considerada, as inovações *toco*, *rabicó*, *pitoco(a)* e *cotó*;
- (iii) como sucedeu com a Bahia, a sincronia 2 mostrou-se, também, mais produtiva.

Quadro 9 – Animal sem rabo no Paraná: registro nos pontos comuns ALPR/ALiB.

<b>Animal sem rabo no Paraná: pontos comuns ALPR / ALiB</b>		
Formas registradas	Localidades	Formas registradas
ALPR		ALiB
<i>pitoco</i>	Londrina	<i>pitoco, toco</i>
<i>pitoco</i>	Umuarama	<i>rabicó, pitoco(a), sura</i>
<i>sura(o), pitoco</i>	Campo Mourão	<i>pitoco(a), sura, toco</i>
<i>sura(o), pitoco</i>	Adrianópolis	<i>sura, pitoco</i>
<i>sura(o), pitoco</i>	Guarapuava	<i>sura, pitoco(a)</i>
<i>pitoco</i>	Curitiba	<i>pitoco, cotó</i>
<i>sura(o), pitoco</i>	Lapa	<i>sura, pitoco(a)</i>
<i>sura(o), pitoco</i>	Barracão	<i>suro(a), pitoco(a)</i>

Fonte: Elaboração própria.

Mapa 6 – Inovação e conservadorismo nas denominações para animal sem rabo no Paraná.



Fonte: Elaboração própria.

De um olhar sobre as duas áreas nas duas sincronias salienta-se o fato de, no que concerne à denominação de “animal sem rabo”, a sincronia 2 mostrar-se mais produtiva, trazendo novas variantes que naquelas mesmas áreas, anteriormente, não se documentavam.

### 3. Breves notas sobre a natureza de variantes registradas

Algumas considerações sobre a natureza de variantes documentadas completam o quadro apresentado para essas duas áreas brasileiras nesses momentos distintos. São apontados aspectos relacionados à motivação nas denominações registradas a que se seguem observações sobre a fraseologia ocorrente de referência a esses itens.

No que se refere às denominações para *arco-íris*, observa-se que a motivação **arco** está presente em sete<sup>2</sup> dos nomes atribuídos ao fenômeno. Trata-se de uma designação transparente, que se prende à forma com que geralmente assume na abóbada celeste. A qualificação, porém, do elemento principal mostra-se diferenciada, a começar pela designação de caráter mais genérico, *íris* (*arco-íris*), inspirada nos deuses pagãos, a que se juntam (i) *arco-da-velha* e *arco-de(o)-velho*, casos de antropomorfismo; (ii) *arco celeste*, referência à abóbada celeste; (iii) *arco-de-boi*, *olho-de-boi*, relacionados a animais, casos de zoomorfismo; (iv) *arco-da-aliança*, tema de caráter religioso-cristão, e outros tipos de motivação, em *arco-de-sete-cores* e *sete cores*, que fazem referência às sete cores que se vislumbram no arco-íris.

Um breve comentário sobre as denominações *arco-da-velha* e *arco-de(o)-velho*, que podem ser vistas como variantes, em que a segunda sugere perda de motivação, explicando-se, assim, a mudança de gênero — *da velha* para *do velho*. A variante *arco-da-velha* está documentada no *Atlas Linguarum Europae* (1983), na Carta I.9, e vem classificada como caso de antropomorfismo pagão, uma vez que “velha” está associada à velha feiticeira. Em trabalho de 2004, Cardoso comenta essa interpretação, indagando se não se trataria do encurtamento da expressão *arco da velha aliança*, o que levaria a considerar-se como um caso de antropomorfismo cristão. Para tal, fundamenta-se Cardoso na palavra de Barros Ferreira (1991, p. 22) que assim se expressa:

A *velha* pode interpretar-se de duas maneiras. Segundo alguns autores, seria uma redução de *Velha Aliança*, em referência ao episódio bíblico da aliança estabelecida entre Deus e Noé depois do dilúvio e de que o arco-íris seria o sinal. É esta a explicação que foi dada, no século XVI, por Frei Heitor Pinto e que foi retomada no século XVIII por D. Raphael Bluteau (...)

Outra hipótese, defendida por José Leite de Vasconcelos e, em geral, pelos etnólogos, é que se trataria mesmo de uma “velha”, uma espécie de bruxa que aparece tantas vezes ligada a fenômenos atmosféricos (...). (FERREIRA, 1991, p. 22)

---

<sup>2</sup> Para esse total consideram-se todas as variantes registradas, nas duas sincronias e nos dois estados.

São, porém, duas possibilidades de interpretação que se apresentam, embora não se encontrem justificativas que possam levar a uma opção categórica.<sup>3</sup>

A presença de denominações resultantes de processos de metaforização similares ou reveladores das mesmas relações associativas evidenciam, no português do Brasil, certa afinidade com a Península Ibérica, como se depreende da presença de *arco da velha*, bem como com a França, onde está documentado *oeil de boeuf*, exatamente o nosso *olho-de-boi* (Cf. ALE, Carta I.9).

No que diz respeito aos nomes registrados para rótula, as variantes *rótula* e *bolacha* destacam-se por se fazerem presentes nas duas sincronias e nos dois espaços geográficos. Verifica-se, em ambas, um processo metafórico que tem percursos distintos no tempo.

*Rótula* é a forma tida como do padrão da língua, a mais frequente no repertório do falante urbano. Do latim *rotula, ae*, “roda pequena”, constitui-se numa forma motivada, surgida, por certo, da associação entre essa parte do joelho — reconhecida de constituição arredondada — e o objeto que denomina originariamente. Se esse processo já se deu no próprio latim, onde essa parte do corpo humano era nomeada *patella*, não cabe, para o que se objetiva neste artigo, discutir. O fato, porém, que importa e vale destacar, é que também no latim *patella* fica evidenciada a presença de metáfora uma vez que nessa língua o sentido primeiro da palavra é “prato, prato pequeno”, a que se junta o sentido em causa. A forma arredondada, portanto, é o móvel da associação, como também se vê demonstrado em *bolacha*, caso que difere do anterior apenas quanto à natureza do uso: a primeira, *rótula*, de cunho, pode-se dizer, erudito, e a segunda, de caráter popular. *Bolacha* é a denominação, pelo menos no Brasil, para um tipo de biscoito que pode ser redondo ou quadrado.

As denominações para “rótula”, no português brasileiro e nas áreas consideradas, constituem-se num vasto exemplário<sup>4</sup> de formas de cunho metafórico, movidas por diferentes motivações, como a seguir se destaca:

- (i) Relação com a posição e/ou movimento/articulação como se vê em *cotovelo*, *tramela*, e, de certo modo, em *tampa*.

---

<sup>3</sup> Sobre o tema e em relação à realidade brasileira, veja-se também FERREIRA, Carlota da Silveira; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Arco-íris no Brasil: um estudo linguístico-antropológico a partir dos atlas regionais*. *Revista do GELNE*, ano 1, n° 2, p. 21-24, 1999.

<sup>4</sup> Sobre a alta produtividade do português brasileiro na nomeação de elementos do mundo biossocial, veja-se, especificamente sobre “rótula”, o artigo de FERREIRA, Carlota. Polimorfismo e léxico (rótula em Sergipe). In: FERREIRA, Carlota *et al.* *Diversidade do português do Brasil*. Estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p. 101-106.

- (ii) Associação à forma, arredondada, como atestam os registros de: *rodela*, *rodela do joelho*, *prato*, *roleta*, *bola*, *bola do joelho*, registros que denotam a preocupação do falante na clareza da denominação quando específica com um “do joelho”; *pataca*, *pataquinha*, referência a antiga moeda de prata que circulou, no Brasil, de 1695 a 1834, a que se juntam *bola*, *bolinha*, de relação altamente transparente.

Quanto a “animal sem rabo”, destaca-se o fato de a variante *nambu* (Bahia) – variante fonética de *inhambu* (do tupi *ind'mbu*) –, tipo de ave dos gêneros *Tinamus* e *Crypturellus* (HOUAISS; VILLAR, 2001), não se encontrar dicionarizada para a acepção em causa. Trata-se, no que se refere à denominação geral para animal sem cauda, de uma associação de que resultou tomar-se o nome da ave para qualificar animais que tenham uma de suas características, qual seja a de não possuir cauda ou tê-la reduzida.

Entre as variantes documentadas, vale salientar a existência de casos fraseológicos entendidos como um processo que caracteriza as línguas vivas pelas quais as combinações sintagmáticas perdem totalmente ou parcialmente sua liberdade combinatória para ter um funcionamento e uma significação globais (MEJRI, 2011, p. 195), como, por exemplo, em *arco da aliança*, *arco-da-velha/-de(o)-velho*, *arco-íris*, *barra de nuvem*, *olho-de-boi*, *sete-cores* (para indicar “a faixa com listras coloridas e curvas que aparece no céu, quase sempre, depois de uma chuva”), ou em *bolinha do joelho* ou *tampa do joelho* (de referência ao osso redondo que fica na frente do joelho).

Para Mejri (2011), a Fraseologia é um fenômeno linguístico que abrange vários processos de solidariedade sintagmática, como a fixação que se refere a um processo pelo qual a língua se utiliza de unidades sintagmáticas cujos componentes formam um bloco e cuja sintaxe interna está em desacordo com a da frase livre correspondente. É uma formação polilexical mais ou menos fixa que corresponde quer ao emprego apropriado das palavras, quer a uma denominação fixa, cuja utilização continua em todos os casos da idiomatidade de uma dada língua, sendo um segmento linguístico idiomático (com expressões, formas de frases próprias, formas específicas de dizer, maneiras de expressar que se opõem à de outras línguas), cultural (com traços históricos, afetivos e mitológicos da comunidade que compartilha o mesmo idioma) e estilístico (com tipos de discurso, diferentes dialetos, tecnoletos), como ilustram ocorrências como *arco de boi*, *arco-de-sete-cores*, *rótula do joelho*, *pataca do joelho*.

Como expõe Mejri (2011, p. 196), os fraseologismos incluem todas as sequências fixas e as colocações que garantem as funções de denominação e de categorização lexicais. Com esse entendimento, consideramos que fazem parte da fraseologia as lexias complexas, formadas por mais de uma unidade lexical – o que caracteriza o termo “polilexicalidade” (MEJRI, 1997, p. 15), isto é, combinações fixas de significado único cujo sentido geral não é literal, utilizada pelos falantes em

situações comunicativas específicas e cujo sentido do todo não resulta da soma do sentido das partes, como se ilustra com *arco-celeste* e *bolacha do joelho*, entre outras.

## À guisa de conclusão

Os dados considerados neste trabalho trazem a amostra da realidade linguística, no tocante a três aspectos do léxico — denominações para “arco-íris”, “rótula” e “animal sem cauda” —, em duas áreas brasileiras — Bahia (Nordeste) e Paraná (Sudeste) — e em duas sincronias — segunda metade do século XX e primeiras décadas do século XXI.

A análise realizada permite algumas considerações de caráter conclusivo que envolvem a distribuição diatópica e o aspecto diacrônico.

No que se refere à diatopia, verifica-se que a Bahia se apresentou mais produtiva, fornecendo, para os três casos estudados, um maior número de variantes utilizadas. Assim, para os dez casos anotados na Bahia para “arco-íris”, o Paraná apresenta apenas três e todos eles coincidentes com o documentado na área baiana; de referência a “rótula”, para as 14 formas registradas, 11 ocorrem na Bahia e seis se apresentam no Paraná, três delas coincidentes; e para “animal sem cauda” a relação se mantém, com oito registros na Bahia para seis no Paraná, quatro deles coincidentes. Do ponto de vista diacrônico e considerando-se apenas as localidades inquiridas nos dois momentos, verifica-se que a produtividade de formas, vista para cada caso varia, pois, se em “arco-íris”, na Bahia, a sincronia 1 mostrou uma lista mais ampla de variantes em uso, nos demais casos e em ambas as áreas verifica-se certo equilíbrio.

Pode-se, em conclusão, afirmar que a diatopia nestes três casos teve maior peso na definição de diferenças do que o que evidenciou a diacronia.

## Referências bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.
- Atlas Linguarum Europae (ALE)**. Volume I – Commentaires (premier fascicule). Assen: Van Gorcum, 1983.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **As ‘cores’ do arco-íris no Brasil**. In: AGRELA, Ana Isabel Boullón (Ed.). *Novi te ex nomine*. Estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer, A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004. p. 69-81.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil**. Questionários 2001. Londrina: UEL, 2001.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MEJRI, Salah. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Manouba: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.
- MEJRI, Salah. **Possibles de langues, possibles de discours**: entre (dé)figement et traduction. HUERTA, Pedro Mogorrón; MEJRI, Salah (Eds.). **Figement, traduction, variation, défigement**. Alicante: Alicante, 2011, p. 187-202.
- ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura: Instituto Nacional do Livro, 1963.